



## **Protestos, Ciberativismo e Movimentos Occupy: O ciberespaço como ambiente de contestação Virtual e Presencial<sup>1</sup>**

Bruno Emmanuel de Oliveira FERREIRA<sup>2</sup>  
Cláudio Cardoso de PAIVA<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

O presente artigo busca apresentar o atual cenário de mobilização e engajamento político que se delinea na internet em nossa contemporaneidade, em especial, após a crise econômica de 2008 e os eventos da Primavera Árabe, tentando estabelecer uma relação entre as ações desencadeadas no espaço virtual e que se estendem a nosso espaço físico, entendido aqui, ainda que de forma rudimentar, como o espaço *fora da rede* que interage com o ciberespaço. Para tanto, se faz necessária o mapeamento de um conjunto de fatores relacionados à cibercultura e ao ciberativismo para que, em seguida, possamos indicar elementos para uma discussão do empoderamento social mediado pela tecnologia.

**PALAVRAS CHAVE:** Cibercultura; Ciberativismo; Movimentos Occupy

### **INTRODUÇÃO**

A eclosão e popularização das tecnologias da informação ao longo das últimas quatro décadas do século XX provocaram transformações socioculturais cuja influência é manifesta em todas as esferas de nosso cotidiano. Em outros termos, sabemos que todas as práticas sociais da vida contemporânea passam, com mais ou menos intensidade, pela interação mediada pela tecnologia.

Essas transformações se dão, de certa forma, de imediato. Uma rápida revolução nas telecomunicações. Esse espaço de tempo – aproximadamente 40 anos – é relativamente curto se comparado ao tempo de outras transformações sociais ditadas pela mudança de paradigma tecnológico ao longo da História.

- 
1. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.
  2. Estudante de Graduação. 5º período do curso de Radialismo do CCTA-UFPB, email: [bruno\\_emmanuel@hotmail.com](mailto:bruno_emmanuel@hotmail.com)
  3. Orientador do trabalho. Professor Associado do PPGC-PPJ-UFPB, e Curso de Graduação em Comunicação Social do CCTA-UFPB, email: [claudiocpaiva@yahoo.com.br](mailto:claudiocpaiva@yahoo.com.br)



Logo, há uma rápida progressão e evolução no processamento e distribuição de informação desde os anos 1970 até os nossos dias. Seu início é o período do pós-guerra, com a Rede ARPANET, de uso estritamente militar, que nos anos seguintes se desdobra em outras redes de uso civil, muitas vezes com fins acadêmicos. Unida a essa rede, pilar de nossa atual internet, desenvolvem-se paralelamente alguns avanços significativos na área da microinformática. Assim, com a popularização do computador pessoal e do acesso cada vez mais amplo à internet, em meados dos anos 1980 entramos em um novo cenário, o da cibercultura, caracterizado pela ascensão do computador coletivo em substituição ao computador pessoal. Essa perspectiva se atualiza em nossos dias com as novas mídias digitais móveis, (notebooks, smartphones e tablets) e ubíquas (Wi-Fi) que funcionam como terminais de acesso ao ciberespaço favorecidos pela mobilidade, característica das novas mídias digitais.

Essa tecnologia cria um novo modo de sociabilização pautado pela quebra das barreiras tempo e espaço e pela velocidade da transmissão de dados e informação, a característica marcante dessa nova forma de vida social que vem tomando forma ao longo das últimas décadas. Desde a criação e popularização do computador pessoal, a tecnologia da informação e as mídias digitais foram cada vez mais se afastando de uma estrutura hierárquica e se disseminando junto às massas, levando - se não uma democratização da comunicação - pelo menos a uma via alternativa de emissão e recepção que não dependa mais excessivamente de um sistema midiático centralizado.

Assim, tem-se o princípio de uma comunicação distribuída, compartilhada, que vem sendo utilizada nos últimos anos como um recurso importante nas reivindicações populares, e que ao mesmo tempo tem gerado reações por parte dos poderes hegemônicos. Percebemos cada vez mais uma interseção entre as ações que ocorrem no ciberespaço e o impacto de tais ações no mundo físico. Tal complexidade tem sido bem percebida nos últimos anos graças às ações ciberativistas e aos movimentos Occupy: a partir deles podemos empreender uma análise das relações entre o mundo presencial e o virtual em nossa sociedade. Para tanto, é preciso entender a estrutura da rede e o sentimento de democratização que tal tecnologia parece emanar. Contudo, se mostra conveniente abordar, sobretudo, aspectos do imaginário cyberpunk, elemento literário e estético essencial para a compreensão de alguns aspectos anárquicos da rede. Tal empresa pode ajudar numa mediação entre a dimensão formal, econômica e organizacional da cultura das redes e sua dimensão lúdica, estética e cognitiva.



## **Tecnologia e o imaginário da transgressão**

A característica do novo mundo digital é a fusão entre um grande potencial tecnológico de manipulação e transmissão de dados e uma cultura pautada no imaginário punk traduzido no slogan *Do it Yourself* (faça você mesmo). Isso se deve não só à potencialidade da tecnologia digital, mas também à influência da contracultura na Costa Oeste norte-americana, berço de progressos na informática, conseqüentemente se refletindo na atuação junto às redes digitais. “Um verdadeiro movimento social nascido na Califórnia na efervescência da contracultura apossou-se das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal”. (LEVY, 1999 p.31)

Não estenderemos aqui uma leitura do fenômeno da contracultura, caberia apenas ressaltar que se trata de um movimento de contestação surgido em meados dos anos 1950/1960, caracterizado por uma visão de mundo revolucionária, empenhado em transformar os padrões sociais vigentes. Essa aura de rebeldia está de tal forma assimilada à lógica do ciberespaço que se reflete no imaginário tecnológico através da distopia do cyberpunk, um ramo da ficção científica que aborda em suas histórias os conflitos sócio-políticos mundiais. Hoje, grandes corporações e governos vêm sendo atacados, hackeados e enfrentados por atores anárquicos que usam a tecnologia digital como estratégia de combate. Nesses termos, Amaral apud Landon, esclarece:

A parte “cyber” do nome desse movimento reconhece o seu compromisso em explorar as implicações de um mundo cibernético no qual a informação gerada por computador e manipulada torna-se uma nova fundação da realidade. A parte “punk” reconhece a sua atitude alienada e às vezes cínica para com a autoridade e o estabelecimento de todos os tipos. (Amaral apud Landon, 2006, p.4)

As novas formas de protesto - que usam a internet como arma - emulam o imaginário e a atitude de enfrentamento à lógica dominante. É também no cyberpunk que melhor se percebe a propagação do estilo *Do it Yourself*, forma de agir fundamental que se inscreve em nossas preocupações acerca do ciberativismo e dos movimentos Occupy. A eles pode ser atribuída a afirmação do pai do cyberpunk, William Gibson: “a rua encontra seu próprio uso para a tecnologia” (GIBSON, 1982 p.215)

A internet é uma mídia pós-massiva, sua estrutura de emissão e recepção de mensagens diverge das mídias tradicionais. Neste espaço emergente, novas formas de interação e sociabilidade se manifestam através da interação mediada pela tecnologia. Assim, se faz necessária uma compreensão das práticas e estratégias de comunicação



presentes no ciberespaço. Em princípio, pode-se identificar neste ecossistema muitas características relacionadas à própria rede, como a descentralização e a conseqüente perda de hierarquização do processo comunicativo, em que os usuários se tornam produtores, emissores e receptores de conteúdo, prescindindo das instituições midiáticas. No fluxo de informações, circula uma multiplicidade de linguagens e signos.

Segundo Lemos (2002), a atual estrutura da comunicação mediada pela tecnologia resulta diretamente das mudanças das práticas sociais ao final dos anos 1950. O ciberespaço consiste em um ambiente pós-moderno por excelência, nascido da fusão entre a microinformática e as novas formas de relações sociais pautadas em maior horizontalidade em detrimento da hierarquia da primeira metade do século XX.

### **WEB 2.0 e interação**

As estratégias de comunicação interativa entre os usuários se ampliam e evoluem com a ascensão da Web 2.0, esse termo pode ser entendido como uma forma de dividir a evolução da complexidade da internet em diferentes estágios. A Web 1.0 refere-se à primeira fase da popularização da rede ao longo dos anos 1990. Essa época é marcada pela produção de conteúdo restrita aos especialistas em linguagem computacional, um espaço de produção de conteúdo disponível apenas àqueles iniciados nos conhecimentos especializados em informática. O conteúdo nesse período é caracterizado por produções isoladas (PRIMO), sem grande integração entre os diferentes websites, com uma estrutura de funcionamento ainda pautada na hierarquia de poucos emissores para muitos receptores.

Tal perspectiva se altera no início dos anos 2000 com ferramentas de criação de blogs e a proliferação das redes sociais. Na nova configuração, a produção de conteúdo pode ser gerada por usuários com o mínimo de conhecimento em informática, não sendo mais necessária a habilidade de um especialista para gerar informação em rede. A Web 2.0, caracterizada por uma maior ênfase na integração entre os conteúdos e maior participação entre os usuários. Conforme PRIMO apud O'REILLY.

O autor enfatiza o desenvolvimento do que chama de “arquitetura de participação”: o sistema informático incorpora recursos de interconexão e compartilhamento [...] Isso demonstra, segundo O'Reilly, um princípio chave da Web 2.0: os serviços tornam-se melhores quanto mais pessoas o usarem. (Primo, 2007, p.2)



Antoun (2008) define a Web 2.0 como a web da comunicação distribuída, espaço de participação e colaboração em favor do interesse coletivo. Porém, do mesmo modo que muitos se reúnem em prol de expectativas de mudança no espaço público, a comunicação distribuída também dissemina as futilidades da cultura de massa e avalanches de material publicitário sem que esses fluxos de informação tenham proveito para o público. Assim, manifestações de milhões de pessoas contra guerras, corrupção e totalitarismos em diversas partes do mundo dividem espaço com sites de fofocas, anúncios publicitários e “conversas recorrentes sobre os temas da TV e grandes jornais” (ANTOUN, 2009 p. 3).

Conceito de suma importância é o de interação. A interação pressupõe ação entre dois agentes; é mais que um mero feedback e constitui o cerne do princípio comunicativo na cibercultura. Contudo, antes do conceito atualizado de interação, o qual muitas vezes diz respeito à relação mediada pela tecnologia, convém atualizar uma definição mais tradicional dessa expressão: “interacionismo simbólico”. De acordo com Littlejohn, as principais ideias do que mais tarde se tornaria o interacionismo simbólico, surgem em meados do século XIX, e seria impreciso atribuir a um único autor o crédito deste conceito. Contudo, deve-se a George Herbert Mead, a autoria do interacionismo, pois formula e estrutura os pilares desse conceito. E seu discípulo Herbert Blummer posteriormente, nomearia as interações analisadas como “interacionismo simbólico”.

O interacionismo simbólico diz respeito à utilização de símbolos no processo de comunicação humana. Esses símbolos são criados por nós e interpretados durante o ato social, ou seja, em todas as nossas relações (pessoais, interpessoais, massivas) em sociedade. Tal experiência faz do homem um ator, devido à capacidade de avaliar, interpretar e julgar as ações com as quais se depara em seu dia a dia, o homem como ator também é outra maneira de opor-se ao reino sub-humano, composto não de atores, mas de reatores, já que os animais agem por reação, por resposta a estímulos. Sobre isso, nos fala Littlejohn:

Em suma Mead viu a pessoa como um organismo biologicamente avançado, com um cérebro capaz de pensamento racional. Através do uso de gestos significativos e da adoção de papéis, a pessoa torna-se um objeto para si mesmo, isto é, ela vê-se como os outros a vêem. A pessoa internaliza essa visão geral do eu e comporta-se coerentemente com tal visão. Através do processo de reflexo mental, a pessoa planeja e repete mentalmente o



comportamento simbólico, preparando-se para a subsequente interação com outro (Littlejohn, 1982, p. 71)

Assim, a perspectiva de interação simbólica baseada na interpretação e atitude em relação aos símbolos, se atualiza em nossos dias através da cognição humana aplicada ao ciberespaço: o sujeito ou ator ao se relacionar na rede (ou fora dela) busca a identificação e interpretação simbólica de uma dada ação ou percepção como ponto de partida para a interação. O símbolo e sua forma de se manifestar por ideias ou atitudes expressas através de mensagens (imagéticas, verbais ou sonoras) continua como ponto essencial do processo de interação, tendo em vista que o ciberespaço se caracteriza justamente pelo infinito fluxo de mensagens circulantes. O ator social constrói sentido para o seu “eu” no ciberespaço através desse fluxo simbólico e passa a atuar de acordo com o seu julgamento.

### **Ciberativismo e ocupação: do virtual ao presencial**

Resta saber qual o potencial da comunicação distribuída no sentido de trazer as mobilizações para *fora da rede*, de mobilizar socialmente também o mundo físico, não somente agir no ciberespaço. Nesse sentido, a Web 2.0 também se torna um cenário onde passa a proliferar uma nova forma de organização de reivindicação política e social, o ciberativismo. E mesmo não nascendo na Web 2.0, nela se populariza. Sendo assim, segundo SIBILIA:

[Aos jovens] incumbe a importante tarefa de “inventar novas armas”, capazes de opor resistência aos novos e cada vez mais ardilosos dispositivos de poder; criar interferências, “vacúolos de não-comunicação, interruptores”, na tentativa de abrir o campo do possível desenvolvendo formas inovadoras de ser e estar no mundo. (Sibilia, 2008, p.10)

Conforme a autora, as novas gerações têm o potencial (ou tarefa) de transformar a comunicação mediada por computador em ferramenta de reivindicação social. Em ferramenta de ciberativismo. Com o surgimento e popularização da informática, o ciberespaço se torna, ainda na Web 1.0, uma área de acesso e comunicação entre perfis sintonizados nas mesmas preferências, opiniões e visões de mundo: pode-se encontrar fóruns e chats de discussão com vasta abrangência de temas, desde desenhos japoneses até neonazismo. Essa ambiência midiática se mostra



adequada à organização do ativismo nas suas mais diversas possibilidades, é o nascimento do ciberativismo, o ativismo mediado pela tecnologia, o ciberespaço como instrumento de ataque, divulgação de determinada causa, ciber guerrilha. A internet passa a ser um espaço de ação política construído pela militância e presença do ciberativismo. “Por ciberativismo podemos denominar um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet”. (SILVEIRA, 2010 p. 4)

Exemplo de um dos primeiros casos de ciberativismo na rede é o Movimento Zapatista (1994), cujo bordão “Ya Basta!”, quando as marchas nas ruas de Chiapas (México) faziam frente ao NAFTA (Tratado Americano de Livre Comércio), dos norte-americanos. O Movimento Zapatista pode ser observado como um exemplo da dicotomia Real e Presencial, já que atuava dentro e fora do ciberespaço.

Nasce a guerra em rede (netwar) que permite aos movimentos sociais lutarem vantajosamente contra Estados e corporações (Arquilla e Ronfeldt, 1996). O movimento zapatista, nascido em 1994, será o principal exemplo desse poder e a principal escola de aprendizado para ONGs e movimentos sociais (Arquilla, Ronfeldt, Fuller&Fulle, 1998; Cleaver, 1994) (Antoun, 2008 p 16.)

O senso comum pode achar que o ciberativismo dos Anonymous é fruto da capacidade de comunicação distribuída (ANTOUN) e compartilhamento da Web 2.0, mas o Movimento Zapatista já sinaliza a possibilidade deste tipo de ação ainda em 1994, sobre eles, dirá SILVEIRA:

O grupo autodenominado Electronic Disturbance Theater lançou uma série de ações de desobediência civil eletrônica contra o governo mexicano, em apoio ao movimento zapatista. Cercado e isolado pelos mass media, o subcomandante Marcos, utilizando a Internet, rompe o cerco e se torna o primeiro movimento de comunidades tradicionais a utilizar redes digitais para sensibilizar a opinião pública internacional (Silveira, 2010, p.32).

A tática de negação de serviço (DOS Attack) que os Anonymous utilizam para derrubar as redes de seus alvos é uma forma de ataque conhecida há vários anos. Sobre a atuação dos Anonymous nos deteremos mais adiante; por enquanto observamos a fusão entre posicionamento político e domínio cibernético como cerne da cultura hacker; combinação que resulta no hacktivismo. É desse ponto de partida que se delinea no mundo físico o impacto do ciberespaço como ferramenta de protesto.

Ao apresentarmos as ideias gerais do ciberativismo, convém mostrarmos alguns traços sociológicos da sociedade pós-massiva nessa nova ambiência tecnológica. O modo de vida social mediado pela tecnologia é definido por Castells como sociedade



em rede. Nessa forma de sociedade as transformações sociais ocasionadas pelas tecnologias da informação reconfiguram a vida social em todos os seus níveis (família, amigos, escola, trabalho, igreja) que passam a se relacionar com o ciberespaço e as mídias digitais. Em outras palavras, as instituições econômicas, políticas, religiosas; públicas ou privadas sofrem alterações nos seus processos de relação com a sociedade graças ao novo paradigma tecnológico informacional.

Junto com tais transformações percebemos uma reestruturação dos jogos de identidade dos atores sociais em busca de novas referências e visões de mundo. Simultaneamente há um enfraquecimento das instituições que pode ser exemplificado pela descrença crescente, na contemporaneidade, de modelos tradicionais de ordem social como os sistemas políticos totalitários, como as sociedades patriarcais. Essa nova visão-interpretação por parte dos atores sociais também pode ocasionar paradoxalmente novos focos de extremismo como o fundamentalismo religioso ou a xenofobia. Segundo Castells, os últimos vinte e cinco anos têm testemunhado avanços de expressões de identidade coletiva que: “Desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função das singularidades culturais e do controle das pessoas sobre as suas próprias vidas”. (CASTELLS, 1999, p. 18). A seguir o autor especifica os tipos de expressões que a sociedade em rede (ou a cibercultura) propicia o surgimento, elas...

Incorporam movimentos de tendência ativa voltados à transformação das relações humanas em seu nível mais básico, como, por exemplo, o feminismo e o ambientalismo. Mas incluem também ampla gama de movimentos reativos que cavam suas trincheiras de resistência em defesa de Deus, da nação, etnia, da família, da região, enfim, das categorias fundamentais da existência humana milenar ora ameaçada pelo ataque combinatório e contraditório de forças tecnoeconômicas e movimentos sociais transformacionais. (Castells, 1999, p.18)

Percebemos assim que a tecnologia, através das mudanças sociais que ocasiona, favorece o surgimento de comunidades voltadas para a contestação do poder estabelecido: o fundamentalismo surge como reação a um Estado que se afasta dos preceitos da religião substantiva, na reconfiguração da vida pós-moderna, ou a xenofobia que surge como resposta a um governo aberto para a mão de obra estrangeira. Porém esse efeito tem mão dupla, assim como deixa o espaço para o surgimento de extremismos, também funciona como zona de contestação por movimentos sociais.

Com certa frequência, a nova e poderosa mídia tecnológica, tal como as redes mundiais de telecomunicação interativa, é utilizada pelos contendores,



ampliando e acirrando o conflito em casos em que, por exemplo, a Internet se torna instrumento de ambientalistas internacionais, zapatistas mexicanos, ou, ainda, milícias norte-americanas, respondendo na mesma moeda às investidas da globalização computadorizada dos mercados financeiros e de processamento de dados. (Castells, 1999, p.18).

Buscando uma ruptura de paradigmas sedimentados na tradição, novas comunidades ou tribos (MAFESOLLI), estruturam-se na rede como forma de projetar novos valores a ser adotados pelo social. Assim, torna-se perceptível a popularização de diversas formas de ativismo no âmbito da cibercultura tais como: Movimento LGBT, FEMEN, Piratas, Ficha Limpa entre tantos outros. Esse ciberativismo se nutre da dinâmica de participação característica da Web 2.0, tornando mais acessível a circulação e a conseqüente divulgação de sua mensagem. Mesmo que a tecnologia não seja o objetivo final de um dado movimento (LGBT, por exemplo), esta assume um papel fundamental na forma como tal movimento atua. Seja uma simples comunidade em rede social, uma marcha registrada e narrada em tempo real através tweets ou fotos de celulares, ou a simples repercussão da ação nos portais de notícias.

Nos últimos anos, as estruturas políticas do Oriente Médio têm sofrido abalos em seus alicerces com revoluções populares visando a democratização do sistema político e alcançando maior ou menor eficácia conforme a nação em questão. A essas revoluções (ou mobilizações) se tem atribuído o nome de “Primavera Árabe” – pois tais movimentos supostamente anunciam uma nova esperança na vida social para um povo governado por sistemas totalitários e repressores. Independentemente da eficácia e concretização dos objetivos da Primavera Árabe no processo de democratização das nações que aderiram ao movimento convém salientar a importância que as redes sociais adquiriram no processo de comunicação entre os manifestantes. Não se pode atribuir à comunicação mediada pela tecnologia o caráter decisivo na destituição de ditadores como Hosni Mubarak, no Egito, ou Muamar Kadafi, na Líbia, porém é relevante seu papel como ferramenta de organização e mobilização. Castells já mostrou que a sociedade em rede favorece as condições para o surgimento de uma mobilização, mas convém esclarecer a respeito dessa forma de ação, dos novos movimentos sociais e do ciberativismo.

Como afirma Sodré, a revolução se faz com pedra na mão, porém a interação mediada pela tecnologia, em especial as redes sociais têm se mostrado importantes aliadas no auxílio àqueles que trarão as pedras na mão. É justamente nesse aspecto de uma mobilização que se inicia na rede e termina em nossas ruas, que



enxergamos o potencial das tecnologias da informação de estenderem sua influência e ação para além do mundo virtual.

A ameaça a sistemas políticos no mundo Árabe têm influenciado as lutas pela democracia também no, mundo ocidental. Faz-se necessária uma breve contextualização histórica dos processos que levaram à onda de insatisfação expressa nas redes sociais, posteriormente convertidas em ação no Ocidente. O ponto inicial para as mobilizações ciberativistas na atualidade é a crise financeira ocasionada pela especulação imobiliária nos Estados Unidos, desencadeada em 2008 e ao longo dos meses seguintes. Conforme CARNEIRO:

O pano de fundo é uma crise social, econômica e financeira que se arrasta desde 2008 e tem como consequências a carestia de gêneros alimentares e o desemprego, mas o grande impasse que está presente é a alternativa de políticas organizadas. Os movimentos se manifestam em rebeliões praticamente espontâneas contra as estruturas políticas e sindicais vigentes, mas sem formar ainda uma nova articulação orgânica e representativa dos anseios de reforma e ruptura. (Carneiro, 2011, p.8)

Como efeito da falência de diversas empresas e instituições financeiras (a exemplo do Lehman Brothers Holdings Ltda), os Estados Unidos sofrem uma onda de desemprego e recessão econômica. O mal estar na economia só é comparado à Grande Crise de 1929. Logo os efeitos da economia americana passam a ser sentidos na Europa, ocasionando, também, complicações para a população de classe média que se vê sem amparo devido às medidas de austeridade dos governos europeus.

Com esse cenário delineado, podemos perceber não apenas a crise financeira, mas também a crise de identificação dos atores sociais com suas instituições políticas, já que as medidas econômicas adotadas pelos governos privilegiam a uma elite social em detrimento de toda uma população que fica a mercê do caos financeiro. É nesse ponto do processo que podemos delinear a importância adquirida pelas redes sociais como ferramentas de empoderamento social, uma forma de exteriorizar o sentimento de insatisfação com os rumos das decisões políticas.

Desde 2008, o mundo presencia as formas de atuação nas redes sociais. Conforme mencionamos, a rede como ferramenta de ação contra o Poder constituído, já fora utilizada nos tempos de Web 1.0, porém, a utilização do potencial da Web 2.0 tem demonstrado novos horizontes na interação mediada por computador, e nos conseqüentes empoderamentos sociais que o formato e flexibilidade da rede



proporcionam. Destacamos aqui a importância dos Anonymous pela euforia que costumam causar na mídia. Valendo-se da máscara de Guy Fawkes, que por sua vez se popularizou através do personagem “V”, do autor de histórias em quadrinhos, Alan Moore, os Anonymous lançam seus manifestos contra o sistema através de mensagens em páginas de redes sociais ou vídeos no youtube. Costumam causar frisson por geralmente atuarem através de um hacktivismo agressivo; os alvos costumam ser websites e redes de instituições comerciais ou políticas que ficam horas fora do ar causando transtornos aos seus representantes.

Os Anonymous, dessa maneira, atuam como um belo exemplo do uso das redes como ferramentas de empoderamento social. É necessário um conhecimento considerável em informática (além de uma ação conjunta) para derrubar o sistema de uma instituição financeira de grande porte, contudo, esse empoderamento social é expresso não necessariamente nos ataques, mas na sua publicidade: o Estado sofre um abalo em sua reputação, as classes sociais afetadas de maneira negativa pela crise se identificam com os atentados cibernéticos e os ciberativistas concretizam a nova arma contra os dispositivos do poder. Nesse novo cenário de luta política, o social adquire melhor condição de se opor à força de coesão do Estado, é o “Poder” com medo da internet (CASTELLS). Atualizando, dessa forma, a ação contra as instituições políticas preconizadas pelo cyberpunk.

Ao lado da guerrilha cibernética, outra forma de mobilização social tem tomado forma nos últimos anos, também como resultado de insatisfação com o rumo político tomado no decorrer da crise econômica. Assim como a guerrilha dos Anonymous e como a Primavera Árabe, a organização desse tipo de movimento está alicerçada no ciberespaço e sua forma de atuação se deu de maneira muito semelhante aos acontecimentos pró-democracia no Oriente Médio. Enfatizamos, contudo, uma diferença fundamental em relação à ciberguerrilha hacker: enquanto o hacktivismo necessita de conhecimentos avançados em informática para desferir sua mensagem de ataque, aqui a principal ferramenta são as redes sociais. Apesar de ocorrer em vários países europeus e nos Estados Unidos, identificamos nesse tipo de mobilização social o surgimento de uma tendência que parece tomar forma em diversos contextos sócio-políticos, incluindo o nosso país e Estado. Tais movimentos, apesar de suas variantes e especificidades, dependendo do local em que ocorre, os designaremos com a mesma terminologia de Occupy. A este respeito caberia uma rápida contextualização histórica.



A crise financeira ocasionou, como se sabe, a reação de milhões de pessoas ao redor do mundo. Enquanto no Oriente a luta por democracia organizada através das redes sociais abalou sistemas políticos durante a Primavera Árabe, na Europa e América os efeitos foram menos profundos, mas nem por isso, menos importantes. O símbolo de resistência do mundo Árabe foi a Praça Tahir, no Egito, local que reuniu cerca de 15 mil manifestantes, responsáveis pela derrubada do presidente Hosni Mubarak. Quanto à Primavera Árabe, cabe dizer que seu estopim foi a morte de Mohamed Bouazizi, vendedor ambulante que cometeu suicídio por imolação em frente à sede regional do governo tunisiano após ter negada uma autorização para seu carrinho de frutas. A morte de Bouazizi desencadeou uma onda de protestos na Tunísia, culminando com a destituição do presidente Bem Ali. Logo os protestos se espalharam pelos países Árabes com diferentes repercussões em cada lugar.

Nos Estados Unidos, a iniciativa dos movimentos de ocupação do espaço público parte da Adbusters, uma rede global de ativistas anti-consumismo sediada no Canadá, conhecida por lançar algumas campanhas junto à população como *Buy Nothing Day* (Dia de Não Comprar Nada) ou *TV Turn off Week* (Semana da TV Desligada - uma semana sem ligar a TV). Logo começa a circular na internet a mensagem *Are you Ready for a Tahir Moment?* (Você está pronto para um momento Tahir?). A proposta foi bem acolhida e os protestos se espalham em dezenas de cidades norte americanas. O maior impacto, porém, se deu em Wall Street, sede do poder financeiro norte-americano localizado no distrito financeiro de Manhattan, onde, no dia 17 de setembro de 2011, centenas de barracas de acampamento são armadas, “ocupando” o espaço público em nome de reformas políticas e financeiras. Seu slogan é “We are 99%”, em referência a uma elite econômica, composta de 1% da população, detentora da maior parte das riquezas do planeta; enquanto os outros 99% vivem em situação financeira adversa.

Assim como nos EUA e Oriente Médio, nos países da Europa, também se vê a insurgência popular contra o posicionamento neoliberal da política européia, algumas até mesmo anteriores ao Occupy, como é o caso do Los Indignados da Puerta del Sol, responsáveis pela ocupação das ruas de Madri, ou a Geração à Rasca em Portugal.

Há de se ressaltar mais uma vez as diferenças entre os movimentos Occupy e a Primavera Árabe, os primeiros surgem em decorrência (inspiração ou influência) dessa última, porém, enquanto a Primavera Árabe anseia por uma política democrática, os movimentos occupy contestam a suposta democracia do mundo ocidental. Porém se existem diferenças, as semelhanças são bem maiores: são semelhantes nos objetivos



finais, afinal lutam contra as injustiças do poder e sua forma de atuação, em essência, é a mesma. A ocupação de praças e o uso de redes de comunicação alternativas de que nos fala Carneiro são interessantes para se explorar, afinal representam bem a relação presencial x virtual característica do ciberativismo.

Devemos destacar a importância das redes sociais como uma rede alternativa de comunicação. Apesar de Warren analisar as redes em seu contexto geral e não apenas as redes digitais, ela afirma sobre as redes na sociedade da informação:

Portanto, as redes desempenhariam um papel estratégico, enquanto elemento organizativo, articulador, informativo e de “atribuição de poder” (empowerment/empoderamento) de coletivos e de movimentos sociais no seio da sociedade civil e na sua relação com outros poderes instituídos (Scherer; Warren, 2006, p. 222)

A comunicação, como se sabe, é um elemento estratégico em qualquer setor da vida social (econômico, político, militar, científico) tornando-se fundamental para qualquer tipo de empreendimento ou ação de grupos. Não se pode contar com a influência da mídia se a mobilização se dá contra seus interesses, essa é a necessidade do canal alternativo. As redes sociais, logo assumem um caráter essencial de ferramenta de mediação e circulação de mensagens entre os manifestantes. Sua eficácia possui sim limitações, mas sem a articulação e difusão da informação através dessas mídias alternativas, desse uso que as ruas encontraram para a tecnologia, conforme frisa Gibson, não haveria Movimentos Occupy ou ação ciberativista.

Em nossa abordagem dos Movimentos Occupy, entendemos que continuam ocorrendo, sobretudo, na Europa, não se restringindo a manifestações em ruas e praças ao longo dos meses subsequentes a 2011. Ainda assim, esse período foi o ponto culminante. Depois de quase dois anos, protestos continuam ocorrendo e mobilizações sendo organizadas, porém sem a mesma quantidade de participantes e sem que consiga causar o mesmo impacto junto à mídia ou mesmo aos respectivos governos.

No caso da Primavera Árabe, caíram governos no Egito, Líbia e Tunísia. O governo Sírio, na figura do ditador Bashir Al Assad, viu a insurgência ameaçar a segurança de seu mandato e optou pela repressão, o resultado é uma guerra civil que flagela a população civil e coloca em xeque o potencial caráter revolucionário que a Primavera Árabe poderia proporcionar naquele país. O Egito viu cair a ditadura de Hosni Mubarak, mas a Praça Tahir continua como local de protesto, afinal seu governo foi substituído pela Irmandade Muçulmana que ameaça lançar o país em uma teocracia



islâmica. Também se deve atentar para o fato de que o símbolo maior da luta pela democracia no mundo árabe guarda seu lado retrógrado e caótico ao se dar conta dos estupros que costumam ocorrer durante as manifestações públicas na praça, evidenciando assim que nem todos os presentes às mobilizações compreendem o real valor e sentido de um estado democrático e justo.

As ações contemporâneas, sejam os ataques cibernéticos dos Anonymous ou os protestos e marchas ao redor do mundo, têm gerado o que podemos identificar como duas correntes de pensamento divergentes. De um lado, estão os que enxergam na internet uma ameaça ao sistema político estabelecido, e uma expressão de liberdade em demasia, outros enxergam a mesma ameaça a esse sistema político e visualizam nessa tecnologia um possível caminho para uma real democratização política.

### **Considerações Finais**

A internet e as ruas fervilham de manifestantes querendo fazer valer seus direitos contra diferentes formas e ideologias de governo (sendo semelhantes, em verdade, no gosto pelo neoliberalismo e no totalitarismo). Apesar das limitações sofridas pela contestação social, e os resultados ainda imprevisíveis, a ação ciberpolítica tem demonstrado uma tendência de comportamento e atitude política. A sua influência e impacto na sociedade contemporânea tem potencial para consolidar-se como tendência. Este seria o grande impacto das relações entre o mundo Virtual e Presencial: há uma alteração na estrutura política e econômica mundial. Talvez esta potencial transformação explique de fato o “poder que tem medo da internet”, ou seja, a tecnofobia, e explique uma nova formação histórica, a ciberdemocracia, a vontade de concretizar – por meio das redes sociais – atitudes afirmativas. Isto é algo que – empiricamente - tem se tornado (mais do que) uma tendência em nossa sociedade.

### **Referências**

AMARAL, Adriana. **Visões Perigosas: Para uma genealogia do cyberpunk. Os conceitos de cyberpunk e sua disseminação na comunicação e na cibercultura-** UNirevista – Vol 1, nº3, Rio Grande do Sul, 2006, p. 1-17

ANTOUN, Henrique (Org.). **WEB 2.0 – Participação e Vigilância na era da comunicação distribuída.** Rio de Janeiro, Maud, 2008



\_\_\_\_\_. **Biopolítica, Resistência e Mídia Livre na Comunicação em Rede III Simpósio Nacional.** ABCiber ( São Paulo ), p. 1-10, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/ea2cf>> Acesso em: 17.04.2013

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999; \_\_\_ *O Poder da Identidade.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999

\_\_\_\_\_. **Manuel Castells: “O Poder tem medo da internet”** em novae.inf. Disponível em: <<http://migre.me/eedLL>> Acesso em 20 de fevereiro de 2013

LEMOS, André (a). **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** Porto Alegre, Sulina, 2002

\_\_\_\_\_. Cunha, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura.** Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23

GIBSON, William. **Burning Chrome.** Disponível em: <http://migre.me/eedP8> Acesso em: 20.03.2013 <<http://migre.me/ea2cf>>

SODRÉ, Muniz: **O capital não gosta de gente, o capital gosta de capital.** Em Revista O Viés. Disponível em: <http://migre.me/eedRD> Acesso em: 21.02.2013

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo na sociedade de massa.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu. A intimidade como espetáculo.** Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

SADER, Emir et al. **Occupy – Movimentos de Protesto que tomaram as ruas.** São Paulo, Boitempo Editorial, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo.** Revista USP, São Paulo, nº 86, p. 28-39, 2010

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo, Editora 34, 1999.

LITTLEJOHN, Stephen Warren. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana.** Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

SCHERER WARREN, Ilse. **Das mobilizações as redes de movimentos sociais.** Revista Sociedade e Estado. v. 21, n.1. Brasília: Editora da UnB, 2005, p. 109-130.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007